

LUIZ SCHWARCZ

O ar que me falta

*História de uma curta infância
e de uma longa depressão*



Questão só de peso e medida
Procuro sempre, e minha procura
Billy Blanco (pela voz dos Originais do Samba)
ficará sendo

minha palavra

Carlos Drummond de Andrade

O AR QUE ME FALTA

1. No topo da montanha

O teleférico havia nos deixado no ponto de melhor vista das montanhas. Chegar ao topo, olhar em volta para aquele universo branco, em que as rajadas do sol marcavam com luz e sombras cada uma das ranhuras da cordilheira, deveria me trazer muita alegria. A descida equivalia a doze quilômetros de prazer. Poucas pistas de esqui costumam ser tão extensas, sem interrupções para tomar um novo teleférico. Todos que subiam até ali pela primeira vez paravam por alguns minutos para observar a vista. É ótimo respirar o ar puro, cercado pela neve que se vê em toda parte, sob nossos pés, ou nas montanhas mais longínquas. A sensação de estar próximo ao céu, em espaço tão vasto, torna mais intensos os efeitos da respiração.

O preparativo para a descida incluía uma golfada de ar nos pulmões e um sentimento de cumplicidade com a natureza. Mas, por motivos pouco ou nada racionais, isso não acontecia comigo naquele momento.

Eu me abaixei para apertar as botas e disfarçar para o meu instrutor, ou para mim mesmo, a angústia que tomava conta da minha respiração e do olhar. Levei mais tempo que o normal, apenas para recuperar o fôlego, tentando eliminar o

travo que fechava minha garganta justamente quando eu esperava pelo contrário.

O contato com o ar puro no alto, a velocidade da descida, eram um bom antídoto para a depressão da qual sou portador. Não esquiei muitas vezes na vida, mas estar na montanha e ainda praticar um esporte durante grande parte do dia tem efeito terapêutico, é sinônimo de alegria e descontração. Nas alturas sou responsável apenas por usufruir da natureza. A atitude é a mesma nas montanhas de neve ou naquelas que frequento no Brasil, onde me entrego às águas geladas dos rios e das cachoeiras, sem poder corrigir seu rumo, sem poder editar nada ao meu redor, sem me atribuir nenhuma responsabilidade por algo que não está sob o meu controle. A montanha requer um exercício de humildade, exige subserviência ao que não foi criado pelo esforço humano. Em troca oferece um grande prazer.

Naquela viagem, outro fator importante deveria servir como garantia de felicidade. Pela primeira vez levávamos nossas netas, Zizi e Alice, para esquiar. Depois de explorar as pistas mais velozes pela manhã com meu instrutor, à tarde eu me divertia esquiando com elas, acompanhando suas aventuras na neve. De resto, já de volta ao hotel, as horas eram tomadas por conversas, brincadeiras e preparativos para o jantar, no qual as duas se deliciavam com a comida regional. Estar com “as meninas” passou a ser, há tempos, um dos pontos centrais da minha vida, um contraponto a uma existência em que me afastei de amigos e restringi meus contatos ao campo profissional, fazendo amizades circunscritas ao mundo dos livros e vivendo, na maior parte do tempo, cercado da família ou em silêncio.

Assim, chegar ao cume naquela manhã, com os pulmões contraídos e sem ar, com um nó seco inexplicável na garganta, foi um choque, uma reversão completa do que eu imaginara ou sonhara por meses.

Não era só a montanha que cobrava de mim humildade. A depressão exigia muito mais.

* * *

Assustado com o esforço que precisava fazer para que o ar entrasse em meus pulmões, eu não pensava, no começo desta história, no dia em que senti os sintomas iniciais da depressão. Poucos, dentre os portadores de tal enfermidade, se lembram com exatidão do momento em que percebemos pela primeira vez os sinais, que surgem quando identificamos algo entre a garganta e os pulmões, um obstáculo que torna mais exíguo o espaço para o ar, que dificulta o ato de respirar. Em geral, a depressão apaga a lembrança remota, tem memória curta, acentua a dor recente, quase desprezando qualquer traço de história. Era o que eu sentia ali em cima, e não queria sentir nunca mais.

Se me esforço para recordar o início da minha doença, é possível construir uma narrativa. Lembro do ar que me faltava no cume e me vem à mente a figura do meu pai, que jamais esteve lá.

Antes mesmo da imagem da íris verde do meu pai, minha depressão apareceu como um som. O som das pernas dele, batendo na cama sem parar, no quarto ao lado, onde meu pai penava para dormir. A íris verde, em contraste com a esclera frequentemente umedecida e avermelhada — que enchia de

água a bolsa inferior dos olhos, onde as lágrimas ficavam represadas —, passou a ser a sua principal imagem, alguns anos depois do som grave que vazava das paredes, PÁ, PÁ, PÁ, PÁ, PÁ... Aquele barulho seco — quase o oposto complementar dos olhos molhados —, ele não conseguia esconder ou controlar. Não lembro exatamente quando ouvi o tambor aflitivo pela primeira vez, ou sim, acho que sei, foi também quando me deprimi pela primeira vez. Foi meu primeiro grande susto, ao intuir que não daria conta dos meus deveres de filho único. Naquela ocasião percebi, mesmo sendo bem pequeno, que não conseguiria garantir a felicidade do meu pai, já ciente de que esta seria, para sempre, a mais importante missão da minha vida. Missão em que fracassei por completo.

2. O que ficou em Bergen-Belsen

Treze anos e meio após a morte do meu pai, ainda pode ser arriscado afirmar com certeza as causas da sua insônia. Até os meus dezessete anos, eu pouco sabia sobre o passado dele, com exceção de um detalhe, que era maior do que qualquer segredo. André Schwarcz, o garoto András, o Bandi, apelido de todos os Andrés ou András na Hungria, sobreviveu fugindo do trem que o levava ao campo de extermínio de Bergen-Belsen. Seu pai, Láios, Luiz como eu, que estava no mesmo vagão, permaneceu no trem e nunca voltou do campo. Na ocasião András tinha dezenove anos. Láios foi visto ainda com vida quando os Aliados libertaram Bergen-Belsen, mas tão fraco que não podia mais andar ou se alimentar. Meu pai só veio a saber disso nos anos 1960, tendo ficado por mais de duas décadas imaginando como o pai dele morreria. Com um tiro de fuzil? Nas “marchas da morte” que os judeus eram obrigados a realizar entre um e outro comboio a caminho dos campos de extermínio? Na câmara de gás? De tifo?

Algumas dessas particularidades me serão contadas muitos anos depois. Para o que importa agora, basta dizer que minha mãe tentou me explicar, ainda durante a minha infância, a tristeza do meu pai — seus problemas para dormir, o barulho

de suas pernas batendo na cama à noite. Aprendi o sentido da palavra “culpa” desde muito jovem, como algo que fundava minha existência, algo que passava além dos olhos ou das pernas do meu pai. Sua culpa por ter sobrevivido a meu avô, de não o ter salvado ou acompanhado na morte, não permitia descanso, ou mesmo os bons sonhos que ele, junto com a minha mãe, me desejava toda noite à beira da cama. Meu pai provavelmente não dormia nem sonhava porque o passado voltava como vigília absoluta. Quando eles me diziam para sonhar com os anjos, será que se referiam a um anjo que protegeria meu sono contra pesadelos de várias espécies, contra as batidas das pernas do meu pai, ou ao anjo que viria tardiamente salvar meu avô paterno, e assim deixar meu pai e toda a família dormirem?

A ordem ou empurrão que Láios dá, e que Andrés aceita, num momento em que o trem emperra, se transformará através dos anos nos chutes secos na cama, nas lágrimas contidas nas cerimônias do Yom Kipur, em dificuldades de expressão, em acessos de raiva e tristeza. Passar a vida sob o jugo de uma imagem hegemônica, a de ter sido salvo pelo empurrão do pai, custou muito a André. Na noite em que ele me contou boa parte de sua história, reproduziu, com grande emoção, a frase que ouviu de Láios. “Foge, meu filho, foge.” Quem pode imaginar o que representa o fato de ter obedecido na hora em que devia ter sido um bom filho às avessas, aquele que desobedece à ordem paterna de escapar e salvar sua própria vida?

Andrés era o caçula e o único varão da família, e tinha todo tipo de culpa com relação a Láios. Vivia dizendo que nunca fora um bom filho, que havia sido péssimo aluno, dado

*image
not
available*

O velho homem religioso escapara do fuzilamento e da câmara de gás. Mesmo assim, Láios não tivera forças para voltar para a família. Dizem que nos últimos tempos era carregado numa maca, coisa excepcional num campo de extermínio, sinal de respeito e admiração dos colegas por um homem sábio, que acabou morrendo de inanição e fraqueza.

Cheguei a conhecer minha avó paterna, mas dela não lembro nada. Yolanda permaneceu na Hungria quando meu pai foi para a Itália, depois da guerra, abrir caminho para que todos os membros da família emigrassem para Israel. Na loteria que era conseguir visto de emigração no pós-guerra, André veio para o Brasil e minhas duas tias, já casadas, ficaram com a mãe. Passado certo tempo, elas resolveram não aguardar mais os documentos que meu pai tentava obter. Em 1948 fugiram para a Austrália. Meu pai já chegara ao Brasil, em 1946, quando o país fechou temporariamente suas portas aos judeus. Era uma época em que tudo cambiava rapidamente, como se a política fosse comandada ao sabor dos ventos, que quase sempre sopravam contra os judeus. Mesmo com a derrota do nazismo, faltava muito para que estes fossem considerados cidadãos do mundo, com liberdade para emigrar, deixando para trás as terras que guardavam as memórias da perseguição.

Com a partida das filhas, segundo minha mãe, Yolanda foi presa numa delegacia e em seguida mantida em prisão domiciliar. Punida pela evasão ilegal dos filhos. Esse é um dos episódios mais obscuros da história da minha família paterna. Liberada seis meses depois, continuou em Budapeste por vários anos, vindo em 1955 ao Brasil para o matrimônio dos meus pais. O fato de cada um dos filhos ter seguido seu caminho, deixando a mãe sozinha na Hungria, é típico da vida dos

*image
not
available*

herança. Se András havia fracassado duplamente — desrespeitando com frequência o rigor religioso de Láios e aceitando que este lhe salvasse a vida —, eu tinha que acertar, salvar a vida de meu pai da tristeza, proporcionar uma felicidade que a lembrança constante do passado impedia.

Eu era pequeno quando ouvi pela primeira vez o barulho que acompanhava a insônia de André. Não saberia precisar minha idade. Também não tem data em minha mente a conversa em que minha mãe explica a origem dos problemas do meu pai, seu descontrole noturno, a oscilação de seu modo de comunicar-se, ora doce ora desequilibrado, a violência com que reprimia minhas primeiras estripulias, e alguns dos tratamentos psiquiátricos pelos quais ele passou — que na minha memória incluíram eletrochoques. A peregrinação de André por neurologistas, psicólogos e psiquiatras levou décadas. Vez por outra ele abandonava os tratamentos, mas por pouco tempo — sem remédios e acompanhamento médico ele mal conseguiria cerrar os olhos. De temperamento bastante reservado, nunca compartilhava nada sobre suas terapias, nem mesmo com a minha mãe. Por muitos anos fez uso de medicamentos fortíssimos para insônia, como Dormonid e Rohypnol, atualmente ministrados mais como pré-anestésicos.

Revivo hoje o frio na barriga ou a falta de ar que senti ao saber da fragilidade do meu pai. Eu ainda era jovem para conhecer o significado da palavra “depressão”, ou mesmo para desenvolver comportamentos francamente depressivos.

André falava sempre baixo, desconjuntado, mas tinha uma voz cheia de ternura. Como todo húngaro, trocava o gênero das palavras e acentuava suas sílabas iniciais. Possuía um sorriso aberto e era afinado. Cantava música cigana como um

*image
not
available*

centrado nas mesas de carteados, que tomavam por inteiro o fim de semana. Minha mãe, mais culta e admiradora de literatura e artes plásticas, não gostava de baralho, não falava húngaro e tinha pouca intimidade com o grupo que chegara ao Brasil junto com o meu pai. Ela considerava bastante promíscuo o ambiente entre os amigos dele, ligando os comportamentos da comunidade húngara a práticas da Viena modernista, onde, segundo ela, era comum o *“haus freund”*, um tipo de ménage à trois, mais usualmente entre dois homens e uma mulher. Para Mirta, os constantes casos extraconjugais que surgiam nas festas e os maridos farristas que não davam satisfação às mulheres eram a regra entre os casais da turma de André. Mas várias esposas também mantinham liberdade nesse campo, coisa que nunca esteve nos propósitos de minha mãe. As culturas, ainda segundo ela, eram muito diversas.

Meu pai não abria mão do jogo de cartas, enquanto Mirta desejava um casamento diferente, queria mais companhia. A solidão se tornou insuportável. Depois da separação consumada, meus avós passaram a atuar para que uma reconciliação não acontecesse. Chegaram a recorrer a vizinhos, dos dois prédios onde moramos durante esse período, para verificar se meus pais se encontravam.

Minha mãe também era filha única. Meu avô a havia proibido de estudar medicina. Para ele a universidade não era lugar para mulheres, além de haver a possibilidade de lá sua filha se apaixonar por um não judeu e se envolver em agitações estudantis. Mirta foi obrigada a cursar secretariado e trabalhar com os pais, enquanto esperava o dia do casamento,

*image
not
available*

*image
not
available*

Passei a ser um menino muito sério e responsável. Essa imagem colou no meu avô, que antes disso, sem nenhum mérito meu, já idealizava o neto. É possível que, pela configuração da família, mesmo que eu não desenvolvesse precocemente esses traços de personalidade, Giuseppe viesse a depositar confiança descabida em mim.

Diante de expectativas exageradas, passei também a me cobrar em demasia. Se esse conjunto não me conferiu uma depressão infantil, certamente aguçou em mim o sentido de que eu era muito importante para o casamento dos meus pais e para, no futuro, evitar que André afundasse numa tristeza profunda. Nas últimas décadas da sua vida, ele colocará ainda mais em mim a responsabilidade por salvar seu casamento, que, exceto por um curto período após a reconciliação, foi sempre frágil. Desde pequeno eu era crucial para um matrimônio com variados motivos para dar errado, e nada do que pudesse fazer o tornaria feliz. Ainda criança ou jovem eu não tinha meios de me dar conta disso.

Por essa razão, a imagem que guardo de mim muito pequeno é a de uma foto feita por um fotógrafo profissional: cabelo engomado, roupas arrumadas com esmero pela minha mãe, sentado com os pés no ar — eles nem chegavam até a ponta do sofá — na casa dos meus avós. No meu colo estava um pequeno violão que eu não sabia tocar. A pose incluía um sorriso bastante angelical e um olhar para o alto, distante.

Anos depois minha mãe me fará posar para a realização de um retrato a óleo. Eu tinha por volta de sete anos. Passei horas vestido com uma camisa de marinheiro, branca e azul, numa tortura que aceitei sem reclamar. O que se vê no quadro, que hoje decora uma parede do quarto das minhas netas, é um

*image
not
available*

4. Os primeiros sinais

Quem tem depressão vive apenas em função do momento. O julgamento é sempre absoluto e no presente. Estamos deprimidos ou não? Fora das sessões de psicanálise ou terapia, fugimos das lembranças ou interpretações. Ao tentar rememorar a pré-história da minha doença, penso agora na minha constante angústia infantil. Era um tempo permeado de medo e silêncio. No entanto, esses sentimentos vinham a seco, pareciam naturais, como se não houvesse motivo que os justificasse ou acompanhasse. Sem ter com quem me comparar, eu provavelmente achava que ter medo era parte intrínseca da existência, que todos sentiam o mesmo que eu.

A vida era quieta, a solidão era normal, e no fundo restava um medo difuso.

Depois, na adolescência, creio que a depressão começou a se manifestar por uma grande propensão a dormir à tarde, em momentos de melancolia que variava de intensidade. Em contraste, eu era capaz de comer vorazmente. Uma pizza inteira era uma refeição corriqueira para mim. Hoje aprendi que a combinação dessas duas práticas podia apontar para uma depressão atípica, sendo um indício de possível bipolaridade. Mas eu não me entendia como deprimido até que um médico

*image
not
available*

A convivência com tanta tristeza era penosa. Eu queria sair daquele lugar, na segunda fileira do templo, a poucos metros de onde sentavam os rabinos. Me virava incessantemente, mirando o andar de cima, onde ficava a maioria das crianças, com muito mais liberdade para conversar. Meu pai, que me queria o tempo todo a seu lado, me acotovelava e apontava com o dedo indicador, chamando minha atenção para o livro de rezas. Assim o peso da morte do meu avô recaía também sobre meus ombros.

Como eu suava em bicas com o *talit*, meu pai permitiu que o usasse apenas na reza mais importante, na abertura da noite do Kol Nidrei. A liturgia dessa reza sempre me emocionou, mesmo com todo o calor. Tanto pela beleza da música como por repetir um pedido direto de perdão, tão significativo para o André. No Kol Nidrei, os judeus se desculpam perante Deus por terem pecado e assumido outras identidades religiosas para sobreviver à Inquisição. A melodia é cantada com a presença, no púlpito, dos anciãos da sinagoga. Essa reza abre o Dia do Perdão, que só se encerrará com a chegada da noite, no dia seguinte.

Se a tristeza do meu pai no Yom Kipur era patente, no Kol Nidrei ela parecia atingir o seu ponto mais alto. Nos primeiros anos, bastante suado, tão logo a reza inicial acabava, eu trocava o *talit* de lã de Láios por um manto mais leve, trazido de Israel pela minha tia. Hoje faço questão de usar o *talit* do meu avô durante todo o Yom Kipur.

As confidências dos meus pais, o peso do manto do meu avô, a convivência difícil na sinagoga com meu pai... O que teria

*image
not
available*

gravidez e o cuidado diário com os filhos quase que totalmente ao encargo das esposas. Além disso, meu pai agiu mais segundo os padrões de uma casa judaica religiosa da Hungria dos anos 1930 do que segundo aqueles de um matrimônio laico no Brasil dos anos 1950. A injustiça da divisão de trabalho entre o casal era ainda mais gritante no lar de origem de André, e ficava muito longe dos ideais de vida conjugal de Mirta. De toda forma, nunca pude ouvir a versão do meu pai a esse respeito. Soube do seu comportamento apenas pela minha mãe, há dois anos, numa visita nossa a um cemitério.

No conjunto, o ambiente familiar complicado pelo período da separação e a constante perda dos outros filhos tão desejados contaminará cotidianamente o ar da minha casa, resultando numa forte pressão sobre meus ombros. Desde muito pequeno, compreendi ter assumido o papel de principal provedor da alegria do lar. Meu pai dizia que eu deveria sempre lembrar que ele era meu melhor amigo, e vice-versa. Ele repetia e repetia isso, à exaustão, enquanto minha mãe me entupia de cuidados e preocupações. Assim, no centro da minha infância, foi se fermentando um senso de responsabilidade quase patológico. Eu vivia preocupado em nunca desagradar meus pais.

Entrei no treino de natação na Hebraica sem gostar de nadar, pois meus pais, a partir da opinião equivocada de um pediatra, achavam que eu nunca passaria da altura da minha mãe, cuja estatura é baixa. Pratiquei todo tipo de esporte no clube, a contragosto e com desempenho apenas razoável, já que meu pai me proibia de treinar futebol. Me destacava no gol, porém nessa posição André achava que eu não me desenvolveria fisicamente. Passei pela natação, basquete, judô e vôlei, mas só

*image
not
available*

suado, trajando as roupas de futebol. A escolha variava entre dois sanduíches de queijo quente no pão sírio, dois churrasquinhos com vinagrete no pão francês, e pratos típicos de clube, filé à Diana com batatas fritas, à parmegiana com arroz branco... Naquela hora eu não sentia falta de companhia.

Com coragem, nos fins de semana me oferecia para atuar como goleiro dos veteranos, e me destacava nas peladas, mesmo sendo um tampinha. Eu voava todo o tempo para agarrar as “bombas” dos velhos, que precisavam de alguém no gol. Num desses jogos, um sujeito que dizia ter treinado em times na Argentina me escolheu para a prática de exercícios típicos de goleiros profissionais. Acho que se comoveu com meu empenho e queria me treinar. Ficávamos num gramado à parte, perto do playground, onde fazíamos flexões e outros treinos específicos. Eu agarrava as bolas que ele me lançava enquanto prendia minhas pernas no chão, com seu joelho. Depois, em pé, eu saltava, sem parar, de um lado para outro das traves que improvisávamos com camisas, ou com garrafas vazias de refrigerante. Nesses momentos eu esquecia qualquer outra responsabilidade além de agarrar a bola e proteger o gol. Saía de lá exausto e realizado.

No Rio Branco, eu não tinha grande aceitação por parte dos colegas de classe, já que não me desvencilhava da preocupação em ser bom aluno. Seria impossível levar uma nota ruim para casa ou repetir o desempenho do meu pai na juventude. Assim, só me tornei popular e ganhei amigos quando meus dons futebolísticos foram descobertos. No fim do ginásio, minha classe formou um time imbatível. Vencemos por dois anos seguidos o campeonato interclasses. Foi quando eu e alguns colegas fomos convocados para representar o colégio em